

Nascentes

**O ROMANCE CONTEMPORÂNEO PELO VIÉS DO EFEITO ESTÉTICO:
UMA LEITURA DE *A ARTE DE PRODUZIR EFEITO SEM CAUSA*,
DE LOURENÇO MUTARELLI**

*Marcos Antônio Fernandes dos Santos**

*Emanoel César Pires de Assis***

RESUMO: O artigo trata sobre a obra *A arte de produzir efeito sem causa* (2008), de Lourenço Mutarelli, buscando discutir a relação entre o conteúdo literário e a recepção por parte do leitor, de forma a ampliar a compreensão dos efeitos estéticos promovidos através de sua leitura. Enquanto literatura contemporânea, a multiplicidade de diálogos que o livro promove vai ao encontro da experiência sensível vivenciada no cotidiano urbano e representa a crise do sujeito e suas relações com o outro e com o mundo, em um texto construído com amplas possibilidades de atribuição de sentidos e expectativas, que nos ajuda também a compreender a estética do contemporâneo. A abordagem metodológica baseia-se em revisão bibliográfica. A leitura do romance demonstrou que o medo e a angústia são sentimentos que revelam o efeito estético provocado, que é decorrente especialmente da forma como a linguagem se manifesta e da perspectiva do narrador, marcada pela proximidade que ele mantém com os fatos. O texto manifesta a presença de muitos vazios, de maneira que seu sentido repousa muito mais no não-dito. O não preenchimento de todos os vazios textuais não compromete a interpretação realizada do texto.

PALAVRAS-CHAVE: Romance; Literatura contemporânea; Mutarelli; Recepção; Efeito estético.

Lourenço Mutarelli é um escritor brasileiro que começou a sua trajetória de produções com as histórias em quadrinhos, onde pôde demonstrar seu talento de forma a articular a imagem (como talentoso ilustrador que é) e a palavra, elemento que o fez reconhecido no mundo das letras. *A arte de produzir efeito sem causa* (2008) é um de seus principais romances, publicado pela editora Companhia das Letras.

Narrada em terceira pessoa, a obra é dividida em duas partes intituladas de Livro 1 - Efeito e Livro 2 - Nonsense, contando com um total de doze capítulos, sendo que cada um deles é introduzido por uma gravura de autoria do próprio escritor. Imersa no contexto de

* Doutorando em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestre em Letras (Teoria Literária) pela Universidade Estadual do Maranhão (Uema). Professor Substituto da Uema. Membro do grupo de pesquisa Literatura e Vida (GPLV).

** Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (Ufsc). Professor Adjunto II da Universidade Estadual do Maranhão (Uema). Professor permanente do programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (Ufpi).

uma sociedade atual, a narrativa conta a história de Júnior, um homem que aparentemente tem uma vida normal ao lado da esposa e do filho, até o momento em que descobre a infidelidade da esposa, que o trai com o filho de seu melhor amigo. A partir daí, a personagem protagonista envereda por um caminho sem volta, levando consigo o leitor.

O texto de Mutarelli, portanto, é arquitetado de tal maneira a fazer com que o leitor mergulhe no universo ficcional que nos apresenta o personagem Júnior e sua trajetória, marcada por incertezas, sentimentos de vazio e desesperança. O autor embora tenha em seu repertório uma história bem mais consolidada com a linguagem visual, estabelece, através da verbalização, um tipo de comunicação muito específica e profunda com o leitor. Na construção textual, o escritor se vale de diversos artifícios disponíveis para estabelecer a comunicação com os leitores, de maneira que eles experienciem os significados potenciais da escrita, o efeito estético resultante da leitura da obra.

O mergulho no íntimo do personagem acontece especialmente pela forma como o narrador conta os fatos, porque ele nos aproxima do personagem, como se estivéssemos próximo a ele, presenciando o dia a dia de Júnior. Ao lermos, confiamos plenamente nas descrições e afirmações do narrador, pois ele, através de um olhar atento e detalhista, conhece e narra de perto toda a vida do protagonista. O seguinte fragmento, presente logo na abertura da narrativa, demonstra como o narrador é conhecedor do íntimo de Júnior: “Já passa das onze. Júnior carrega a expressão da desilusão e uma pequena mala. Respira com dificuldade pela boca. Seu rosto parece uma máscara. A máscara do desengano. Ou do engano?” (MUTARELLI, 2008, p. 11).

Ao passo que o narrador desvenda o estado emocional de Júnior e os percalços que tiveram influência no percurso de sua despersonalização, o leitor é tomado pelo medo e por uma sensação de angústia muito grande. Nesse sentido, o lugar do narrador no texto é o ponto chave para que o leitor sinta e mergulhe nessas sensações. Descrições de fatos da vida de Júnior e de atitudes do personagem causam esse desconforto e inquietude no leitor, que recorre às páginas seguintes do romance, à espera de que tal cenário possa ser transformado. Exemplos de situações onde o medo e a angústia tomam o leitor, estão presentes em passagens que narram memórias de Júnior com a mãe (expostas pelo narrador) e em momentos onde o personagem começa a fugir da realidade.

Júnior não quer dormir, queria poder acordar. Por que Bruna faria o seu retrato se não o achasse bonito? Quando menino, perguntou para a mãe se ela o achava bonito. Eu sou bonito, mãe? Não me enche o saco. Não vê que estou arrancando os cabelos? Olga cultuava demônios. Os demônios não querem ser amados, querem possuir. Júnior não ama Bruna. Mas seria capaz de doar-se a qualquer mulher que lhe desse atenção. (MUTARELLI, 2008, p. 86)

Quando Júnior conversa com Bruna sobre os esquemas que começou a traçar sobre a frase contida no recorte recebido em casa, via pacote sedec, é provocado, pelas descrições do narrador e também pelo uso lexical de que se apropria o autor, que causa emoções que despertam aflição no leitor.

Quando ouve a porta do quarto de Bruna se abrir, percebe que está acordado. Diagramou folhas e mais folhas em transe absoluto. Distribuiu a frase tingindo de preto cada minúsculo quadrado com a respectiva letra. Depois ligou os pontos. É dia.

— Acordado?

— É. Acho que sim.

— Engraçadinho.

— Você já reparou que, cada vez que a gente acorda, tem que inventar tudo de novo?

— Tudo o quê?

— Temos que inventar tudo. Todo o passado. Isso é a memória. Essa coisa de inventar todos os dias enquanto passamos do... como se chama?

— O quê?

— Isso, o outro coiso de quando estamos dormindo?

— Que outro coiso?

— A gente faz isso rápido. É bem rápido, mas a gente faz isso todos os dias na hora que começa a vir para cá.

— Para onde?

— Para cá. Para acordar. Eu percebi quando fazia isso. É tudo invenção, sabe. É como aquele coiso... Como se diz? (MUTARELLI, 2008, p. 168)

O uso do léxico e seu potencial semântico revelam amplas alternativas de compreensão do texto, uma vez que ao leitor nenhuma possibilidade é encerrada e praticamente todas as temáticas desenvolvidas e os temas que se projetam a partir delas, são encarados pelo leitor apenas como sugestões, como possibilidade de vir a ser, que em muitos pontos não se confirmam. A estrutura do texto, através da forma como se utiliza da linguagem e das não palavras (vazios), possibilita a formação de imagens a partir de informações da consciência do leitor. Isso acontece com frequência, quando Júnior está a lidar com o conteúdo que recebeu através dos pacotes, tentando desvendar um possível significado oculto e que somente ele poderia compreender.

Retomando ao romance, logo em suas primeiras frases, quando Júnior está no metrô a caminho da casa do pai, o narrador afirma ao leitor que o personagem “carrega uma pequena mala e quarenta e três anos mal-dormidos” (MUTARELLI, 2008, p. 11). Nesse instante, mesmo sem muitas informações, a afirmação de que Júnior tem quarenta e três anos mal dormidos leva o leitor a imaginar e se questionar sobre o passado do homem, identificando aí a possibilidade de que eventos anteriores possam determinar o futuro e que a trajetória do personagem provavelmente estará envolta por problemas e sentimentos desagradáveis. Isso também pode ser um indicador de quais rumos a narrativa pode tomar. O adjetivo

maldormido revela, certamente, espaços vazios que serão chaves para a compreensão de eventos que posteriormente serão apresentados.

As noites maldormidas indicam também, nesse momento, um tema. É o segmento de uma perspectiva (no caso, a do narrador) que se desdobrará em horizontes, já que encerra o que é visível a partir desse ponto, as possibilidades que surgem após certo momento da narrativa. Os horizontes que se abrem podem ser satisfeitos ou não pelas expectativas do leitor e mesmo pelos dados que possivelmente o texto parece fornecer. Sobre o dia a dia de Júnior, o personagem presta serviços numa loja de autopeças, fato que parece determinar boa parte de sua história. Ele trabalhava na parte administrativa da distribuidora e se encarregava de conferir o estoque. De tal maneira, sabia o nome de todas as peças com as quais lidava, bem como o código de registro que identificava cada uma delas.

Ao longo do texto, e aparentemente de forma aleatória e despreziosa, são citados os nomes de autopeças com seus respectivos códigos de registro. Esses nomes e sequências numéricas sugerem uma certa pausa na narrativa, interrompendo até então um fato ou apontamento que está sendo relatado pelo narrador. Contudo, tendo em vista que mais adiante o personagem irá mergulhar numa forte crise existencial e inclusive desenvolver um distúrbio psicológico, esses pontos (as sequências numéricas que aparecem dispostas no texto) que parecem aleatórios já no início e que se prolongam até o final da narrativa, sugerem uma estratégia que Júnior desenvolve para tentar manter sua sanidade ou pelo menos como uma técnica de exercício da memória, fazendo com que ele (que provavelmente já manifesta sintomas do quadro que virá a desenvolver) mantenha o controle sobre suas faculdades mentais por mais tempo possível.

Por outro lado, também é provável que o vazio textual revelado pela interrupção numérica em meio ao texto já seja uma manifestação da afasia. De tal maneira, se assim for, mais tarde quando apresentados aos sintomas mais graves do distúrbio e a confirmação com o diagnóstico clínico, percebemos que aquilo que parecia aleatório e fora de contexto, já eram pistas que nos conduziam, enquanto leitores, a compreender o que viria a acontecer adiante e que no momento determina a condição de Júnior. A seguinte passagem ilustra a presença de sequências numéricas aleatórias, seguida do nome de uma autopeça, o que sugere a presença de elementos aparentemente fora de contexto e uma quebra na narrativa que continua adiante:

O filósofo Júnior se lembra das canções de Atahualpa que tocavam nos velhos discos do pai. Atahualpa questiona a existência de Deus: *Se Deus existe? Talvez sim, talvez não, mas uma coisa é certa: ele almoça na mesa do patrão.* **1234211019. Bobina**

impulsora do distribuidor. Uma ideia ilumina seu rosto. Uma solução. Júnior procura dissimular. (MUTARELLI, 2008, p. 38, grifo nosso)

Para Iser (1996), o processo de leitura acontece através de sínteses que o leitor realiza a partir de dados presentes no texto e que são indispensáveis para a compreensão. Essas sínteses acontecem a partir das palavras, do conteúdo das frases e de estruturas presentes no texto. As sínteses realizadas contribuem para a formação de expectativas que poderão ou não ser superadas nas sínteses futuras.

Nesse sentido, a presença dos números aleatórios ao longo do texto pode ser lida, através das sínteses que o leitor faz, como horizonte que encontra ligação, posteriormente, com o desenvolvimento da afasia e o estado mental confuso de Júnior. Consequentemente, nesse ponto o leitor realiza o processo de protensão, que consiste na criação de um horizonte futuro que ainda é vazio, mas que almeja ser preenchido. As expectativas sobre o texto se modificam constantemente e, assim, aquelas que já foram preenchidas e as que ainda estão vazias geram novas expectativas que integrarão novos horizontes. Para Iser (1999, p. 16) “cada momento da leitura representa uma dialética de protensão e retenção, entre um futuro horizonte que ainda é vazio, porém passível de ser preenchido” e “um horizonte que foi anteriormente estabelecido e satisfeito, mas que se esvazia continuamente”.

Retornando ao momento da chegada de Júnior ao apartamento do pai, quando nesta estadia toma seu primeiro banho, o narrador nos revela que “o cheiro do sabonete lhe traz a infância. O pai ainda usa Phebo odor de rosas. Isso o faz lembrar de Caio, seu filho” (MUTARELLI, 2008, p. 13). Ao trazer à tona o cheiro do sabonete Phebo e relacioná-lo com a sua infância, é perceptível que esse evento desencadeou em Júnior memórias que não foram evidenciadas ao leitor. Contudo, essas memórias que fizeram parte da sua infância devem ter relação com acontecimentos que marcaram a vida do personagem e que serão de conhecimento do leitor em momentos futuros da leitura. Sobre esse acontecimento, expectativas foram preenchidas quando o leitor teve acesso a informações, mesmo que incompletas, sobre a infância do personagem. No entanto, novos horizontes se projetam, a partir daí, para as páginas seguintes do texto.

As memórias da infância que são desencadeadas pelo cheiro do sabonete, mas que, no entanto, não são reveladas ao leitor, constituem um espaço vazio e que pode instigar o leitor a buscar, em outros momentos do texto, revelações sobre essas memórias e as relações que elas podem ter com o instante e os fatos que envolvem a vida de Júnior. Um outro espaço vazio que se apresenta ao leitor está no questionamento que fazemos sobre se o apartamento atual do pai de Júnior também é o lugar onde o protagonista viveu durante sua infância, o que não é revelado até então.

Contudo, adiante o narrador nos esclarece essa dúvida, afirmando que “embora nunca tenha morado nesse apartamento, tudo ali o remete à infância”. (MUTARELLI, 2008, p. 18). Ao mesmo tempo, ainda que não tenha sido dito em palavras, as não palavras nos levam a compreender a importância que os objetos da infância de Júnior possuem. De alguma forma eles mantêm um elo de ligação entre ele, o texto e nós leitores. Através de alguns desses objetos somos apresentados a novos fatos e lembranças. Muitas dessas memórias desencadeadas e apresentadas ao leitor, pelo narrador observador, são responsáveis por sensações que experienciamos durante a leitura.

Assim, sobre os aspectos constitutivos da linguagem do romance de Mutarelli, apontamos também o uso de sinestésias, o que aproxima o leitor do texto, fazendo-o experimentar, a todo instante, impressões sensoriais que o estimulam a perceber em imagens, cheiros e movimentos, as ações e as descrições dos personagens, feitas pelo narrador. A aproximação que as descrições sinestésicas estabelecem entre o texto e o leitor é um mecanismo indispensável para que este se envolva e participe do texto, desfrutando do efeito estético que a leitura propicia. A título de exemplo de como e em que momentos podemos experimentar de sensações sinestésicas no texto, temos o instante em que o narrador nos apresenta a existência de Laika, falecida vira-lata de Júnior.

O sofá é pequeno e malcheiroso. Guarda ainda a presença de Laika, a vira-lata que morreu de câncer faz mais de sete anos mas deixou vestígios em forma de nódoas. Deixou suas marcas. Talvez mijasse no sofá para que muito tempo depois Júnior não pudesse esquecê-la. Eu estive aqui, eu existi, dizia o mijão. Os lençóis cheiram a naftalina, a almofada foi impermeabilizada por uma camada de gordura humana. (MUTARELLI, 2008, p. 15-16)

O mesmo acontece quando Júnior planeja pôr fim à vida do pai e de Bruna, perturbado por um turbilhão de ideias e movido por vozes que acredita estarem em sua cabeça e que tomam conta de seu corpo. A descrição em detalhes, feita pelo narrador, é tensa, angustiante e inquieta o leitor, que por entender a gravidade do estado psicológico em que Júnior se encontra, não desacredita que ele de fato irá executar o comando das vozes que o perturba, mas espera que algum acontecimento o impeça de concretizar o ato. Entra em jogo aí, também, o aspecto sobrenatural que paira sobre toda a narrativa e que contribui para que o personagem caminhe rumo à loucura, ao nada, o que perturba ainda mais o leitor.

Na enfermidade o sobrenatural é possível. Algo não o deixa esquecer onde o pai guarda a arma. A arma. Volta à sala para apanhar o revólver e dá de cara com a velha reprodução do menino chorando. Já não vê o menino. Abre o bar. Desenrola o revólver da flanela. Empunha a arma. Caminha até o quarto de Bruna. Ela deve ser a primeira. É mais rápida e pode reagir. Sabe que seu pai não vai reagir. Sabe que o velho não vai fugir e largar o filho doente, haja o que houver. As vozes o instruem. Júnior caminha silenciosamente. Descalço. O quarto está escuro. A

luz da sala está acesa. Júnior enxerga pela fresta da porta do quarto, que ele mesmo deixou entreaberta de forma que a luz chegasse até o vulto da moça. Aproxima-se de Bruna. Aponta a arma para a cabeça dela. Sabe que não pode vacilar. Quase encosta o cano numa das têmporas da jovem. Dispara. O som é seco. A agulha encontra o tambor vazio. Novo disparo. Bruna se mexe. Não acorda. Sênior teve o cuidado de esconder a munição quando começou a achar agressivo e inconsistente o comportamento do filho. Júnior volta para a sala e vasculha a estante. (MUTARELLI, 2008, p. 199-200)

Destacamos, portanto, mais uma vez, a importância do narrador e da forma como ele conta os fatos, para a atribuição de sentido ao texto. O modo como os acontecimentos são relatados concorrem, de maneira efetiva, para que o conteúdo das descrições feitas pelo narrador seja constantemente processado pelo leitor, através das sínteses que realiza durante a leitura. Observemos a passagem:

A casa está vazia. A cama foi desfeita. Júnior se acomoda no sofá. 0580453453. Bomba de combustível. É inevitável a lembrança de Laika e assim adormece, guardado por uma fiel cadela que não existe mais. Sonha com a mãe, Olga, que chora segurando um livro.
— Que aconteceu, mãe? Por que a senhora está chorando?
Ela não responde. Levanta do que era uma poltrona e agora é um trono e começa a puxar os cabelos para cima. Cada vez mais forte, como se quisesse suspender os pés do chão.
Júnior é um menino e vê a mãe contemplando os tufos de cabelos que tem nas mãos.
— A senhora não vai fazer o almoço?
— Cala a boca, moleque! Não vê que estou arrancando os cabelos? (MUTARELLI, 2008, p. 34)

O sonho de Júnior é responsável por apresentar aos leitores um importante aspecto sobre a vida de sua mãe. No ato da leitura, isso representa o processo de protensão, pois constitui para o leitor “um futuro horizonte que ainda é vazio, porém passível de ser preenchido” (ISER, 1999, p.17). Sobre a progenitora, ela foi envolvida com rituais de magia e em vida esteve sempre relacionada com eventos sobrenaturais. Esse aspecto é revelado em momento posterior da leitura, sem, no entanto, ser aprofundar com descrições detalhadas. O tema é sempre envolto por uma sugestividade que confere liberdade à imaginação do leitor que, curioso, pode imaginar as atividades que a mãe do personagem central praticava.

O personagem principal do romance tem em sua cabeça muitas ideias que parecem a qualquer momento levarem-no a um caminho sem volta, a um descaminho. Conforme o narrador descreve, não são apenas sonhos que tomam conta de sua mente, são muitos pensamentos que se embaralham e que em determinados momentos não conseguem se materializar em palavras, gerando conflitos tão intensos que se refletem em atitudes arriscadas e descontroladas. O estado de Júnior é estranho ao leitor, seu comportamento incomum parece ser inadmissível, contudo, os vazios envolvidos por trás de suas atitudes nos comunicam algo, mesmo que suas condutas não pareçam coerentes, interessantes ou corretas.

Sobre esse aspecto do personagem e da narrativa, encontramos aqui um vazio que surge de uma negação, da anulação de concepções que possuímos sobre o que é correto ou verdadeiro. A negação, conforme Iser (1999, p.173-174), equivale ao “rompimento da tríade tradicional do verdadeiro, bom e belo, pois sua concordância não é mais capaz de orientar nossa conduta”. Num diálogo entre Júnior e um velho amigo de infância que encontra no bar, Mundinho, ele revela ao parceiro a amplitude que as ideias ocupam em sua cabeça. O leitor, aqui, é implicitamente alertado de que algo pode sair de ordem a qualquer momento e que Júnior pode perder o controle de seu comportamento em detrimento da confusão que os pensamentos provocam em sua cabeça.

Em determinado momento da narrativa, quando Júnior vai ao bar de seu amigo, Mundinho oferece maconha a ele, dizendo-lhe: “— Cara, eu tenho um bagulho que vai expandir suas ideias”. Ao receber a oferta, Júnior reage dizendo: “— Cara, se eu expandir minhas ideias, vou precisar de mais uma cabeça”. (MUTARELLI, 2008, p. 37). Aqui, nesse momento, as perspectivas dos personagens e a do narrador convergem, de maneira que o leitor também é direcionado à mesma visão e confirmação a respeito do estado mental do personagem, que já não consegue redimensionar ou organizar seus pensamentos. Dessa forma e sobre esse aspecto, apesar de que podem existir diferentes perspectivas internas no texto, os pontos de vista se confirmam e se relacionam entre si.

Sobre a integridade emocional de Júnior e as implicações em sua vida, o narrador afirma ao leitor que “No momento, Júnior não é o tipo de pessoa que acredita no futuro” (MUTARELLI, 2008, p. 41). Depois de alguns dias no apartamento do pai, vivendo entre o quarto, a sala e a cozinha, além de suas idas ao bar que fica no bairro, ele é surpreendido por um pacote entregue no apartamento do pai, endereçado em seu nome e que, a partir daquele momento, será objeto de toda a sua atenção. Curiosamente, e não à toa, o pacote endereçado a Júnior não revela o remetente. O surgimento desse evento (a entrega dos pacotes) é um dos momentos da narrativa em que o leitor realiza diversas sínteses e projeta novos horizontes a partir desse tema (os pacotes).

Assim, juntamente com o personagem, o leitor embarca na tentativa de desvendar o enigma contido nos objetos que foram entregues dentro do pacote. Nele estão um pedaço de tecido, um veludo vermelho, três CDs, gravações caseiras e um velho e amarelado recorte de jornal, escrito em língua inglesa, com uma matéria com o título de “*Daily News, Saturday, September 8, 1951*”. Em seu conteúdo, Júnior encontra a seguinte informação “*HEIR'S PISTOL KILLS HIS WIFE; HE DENIES PLAYING WM. TELL*” (MUTARELLI, 2008, p. 43). Todas essas palavras, frases e dados contidos no pacote contribuem para a realização

das sínteses pelo leitor, que o levam a progredir no processo de leitura, gerando novos horizontes que poderão ser satisfeitos, sempre em direção à atribuição de sentido ao texto. De acordo com Quenard (2012, p. 32):

os correlatos da consciência [...] se constituem a partir das sínteses dos conteúdos de cada frase e fazem parte da estrutura de percepção gerada pelo ponto de vista em movimento. Segundo esta estrutura, cada síntese que é apreendida, cada correlato, gera uma expectativa que será ou não preenchida pela síntese seguinte.

Continuando a explorar o conteúdo do pacote, curioso e ciente de que ali existe alguma mensagem que precisa ser desvendada, Júnior parte em busca de traduzir o que diz a matéria e de reproduzir o conteúdo do CD. Com o auxílio do dicionário, consegue a tradução “*Herdeiro Mata a Esposa com Pistola; Nega Jogar Wm Dix*”. (MUTARELLI, 2008, p. 44). Apesar de parecer uma mensagem aleatória e sem lógica, o protagonista do romance segue tentando refinar a tradução e encontrar ligações com elementos externos à matéria, a fim de tentar compreendê-la. Esse também passa a ser um ofício do leitor, que assim como Júnior, precisa entender o porquê do pacote anônimo e, para isso, o conteúdo nele pode dizer muita coisa. Ou não.

É interessante notar que o texto de Mutarelli, em muitos momentos, traduz-se como uma espécie de metáfora do processo de leitura, de maneira que concomitante à atitude do personagem de desvendar os possíveis enigmas que acredita existir nos objetos que recebe, bem como em torno de acontecimentos de sua própria existência, o leitor também atua como agente que se propõe a decifrar o texto literário, voltando-se para este e para as experiências que traz consigo, seja aquelas de leituras passadas ou as provenientes de sua vida cotidiana. Segundo Eco (2001, p. 40): “cada fruidor traz uma situação existencial concreta, uma sensibilidade particularmente condicionada, uma determinada cultura, gostos, tendências, preconceitos pessoais”.

Júnior não consegue entender muita coisa, a começar pelo porquê de alguém o enviar esses objetos e o que seria ou quem seria esse herdeiro. Herdeiro de quê? O que seria também um Wm? Pede a ajuda de Bruna, a inquilina do pai que mora em um dos quartos do apartamento, que o ajuda com a tradução e na leitura do conteúdo do CD, emprestando-lhe seu notebook para abrir os arquivos presentes ali. Na verdade, nada havia gravado no disco. Até aí não consegue ir muito longe e permanece com mais dúvidas que certezas quanto à origem e ao significado do conteúdo contido no pacote.

Se algo pôde progredir aí, foi sua relação com Bruna, de forma que o desejo inicial de se aproximar da moça, aos poucos, se transforma numa atração física que o leva a forçar uma relação sexual não consentida. Sobre esse fato, por uma série de vazios presentes no texto, o leitor percebe que Júnior teve e tem uma vida sexual frustrada. Ele não tem uma vida sexual

satisfatória e isso, inclusive, pode ter influência na grande confusão que se forma em sua cabeça. À medida que progredimos na narrativa, vamos encontrando pistas que podem corroborar e confirmar a teoria de que o personagem tem uma carência sexual, é insatisfeito e frustrado nesse aspecto. Isso é possível porque “as perspectivas do texto visam certamente a um ponto comum de referências e assumem assim o caráter de instrução; o ponto comum de referências, no entanto, não é dado enquanto tal e deve ser por isso imaginado” (ISER, 1996, p. 75).

É importante ressaltar que durante toda a narrativa de Mutarelli, o texto tem caráter instrutivo, levando o leitor, através das perspectivas apresentadas, a um caminho que se concretiza apenas em sua imaginação. Regina Zilberman é enfática ao afirmar que

O texto, então, depende dessa disponibilidade do indivíduo em reunir os aspectos que lhe são dados, desenvolvendo uma sequência ou um encadeamento de imagens e acontecimentos que termina na construção do significado da obra. Isso acontecerá na imaginação do leitor, após ele “absorver as diferentes perspectivas do texto, preencher os pontos de indeterminação, sumariar o conjunto e decidir-se entre iludir-se com a ficção e observá-la criticamente”. (ZILBERMAN, 2012, p. 44)

Assim, retomando ao romance, acontecimentos como a traição da esposa, o jogo mental que cria e que consiste, ao sair na rua, em classificar as mulheres que vê em categorias como: comia ou casava; os pensamentos que tem com imagens do pai praticando atos sexuais ou a descoberta de um buraco no armário de madeira que serve de divisória para separar o quarto do pai e o de Bruna, e que fora feito com o intuito de observar a garota em sua intimidade, são fatos que podem evidenciar ao leitor que Júnior tem uma carência sexual muito grande e que isso fala muito alto em sua vida.

Nos deparamos ainda, em outro momento do texto, com a situação em que o pai também chega a comentar com ele sobre o uso de medicamentos que estimulam a ereção masculina, sugerindo ao filho que essa pode ser uma solução para os problemas sexuais de um homem. Esse diálogo só reforça ainda mais a tese do leitor, porque mesmo com a ausência de palavras que nos levem à certeza de que Júnior tem uma vida sexual mal resolvida e que isso também o afeta psicologicamente, outros momentos da narrativa fornecem elementos que nos fazem preencher um espaço que antes estava vazio, trazendo bases afirmativas para as hipóteses que formulamos. Assim, o texto, ao longo de sua estrutura, fornece instruções ao leitor, que é chamado por este para participar da construção de sentidos, contribuindo com suas experiências e imaginação. Segundo Zilberman (2012, p. 43),

O mundo representado pelo texto literário corresponde a uma imagem esquemática, contendo inúmeros pontos de indeterminação. Personagens, objetos e espaços aparecem de forma inacabada e exigem, para serem compreendidos e

introjetados, que o leitor os complete. A atividade de preenchimento desses pontos de indeterminação caracteriza a participação do leitor, que, todavia, nunca está seguro, se sua visão é correta. A ausência de uma orientação definida gera a assimetria entre o texto e o leitor; além disso, as instruções que poderiam ajudar no preenchimento dispersam-se ao longo do texto e precisam ser reunidas para que se dê o entendimento; assim, o destinatário sempre é chamado a participar da constituição do texto literário, e a cada participação, em que ele contribui com sua imaginação e experiência, novas reações são esperadas.

Na mente de Júnior, as ideias parecem se tornar cada vez mais claras, apesar de emalhadas pelo grande número de pensamentos que guarda. No momento em que decide tentar uma relação sexual com Bruna, tem em mente que esta é uma decisão adequada, pois é parte de algo maior e necessário. Ao aproximar-se da inquilina de seu pai, ele justifica o ato que está a um passo de cometer, dizendo: “— Bruna... nós temos que gerar vida... você não percebe? Você não sente essa luz que nos ilumina?” (MUTARELLI, 2008, p. 58).

A moça esquiva-se das investidas e questiona a Júnior se ele está alcoolizado. Com medo, ela busca socorro e na tentativa de se manter segura, se tranca no quarto, mas é obrigada a sair quando percebe que Júnior está passando mal, quando ele cai no chão e começa a ter uma crise convulsiva. Posteriormente, em outros momentos do texto, Júnior terá novas crises convulsivas, que aparentemente não possuem explicação sobre suas origens. Nesse instante, a partir do tema da convulsão, novos horizontes se abrem, especialmente tendo em vista compreender o motivo das mesmas e a relação que elas possuem com o estado em que o personagem se encontra. Sobre a cena, continuemos a abordá-la.

A descrição que o narrador faz do momento em que o protagonista agoniza no chão do apartamento também se mostra como um ponto fundamental que irá dimensionar os caminhos da narrativa. A descrição da cena é fundamental para que percebamos algumas questões:

Júnior anda na direção da moça. Ela recua, pressentindo o perigo. Socorro!, ela grita, enquanto Júnior tenta beijar sua boca. Socorro! Ela escapa e corre para o quarto. Júnior anda na direção da moça. Socorro, ela grita. Júnior tenta alcançá-la, mas tropeça. Cai. Caído, continua a compreender a vida. Socorro! O álcool paraguaio parece ter atingido diretamente a sua glândula pineal. Extasiado. A euforia é o chamado da vida. Desperta! Levanta-te! Gere vida! Faça filhos! Bruna!, ele grita. Bruna!, ele grita. Bruna!, grita mais alto e mais determinado. Bruna abre a porta do quarto e surge assustada. Júnior espuma pela boca o nome de Bruna. Parece ter acessado todos os livros de ocultismo e autoajuda. Vê diante de seu recém-aberto terceiro olho, todos os arquivos do Akasha. Tocado pela luz mais pura e incandescente, manifesta uma súbita série de contrações involuntárias dos músculos. Bruna, ele grita. Bruna, ele espuma. Sua cabeça bate violentamente contra o chão, seguidas vezes. Cada batida parece emitir o som: Bruna! Ele cala. Bruna! Ele engasga. Entra em convulsão enquanto alcança as respostas de todos os mistérios do universo. A luz é tamanha e de tal intensidade que seu pobre e precário organismo não pode suportar. Sente como se partes de seu cérebro esquentassem até atingir um ponto de fritura. Bruna, Bruna, Bruna. O corpo se debate violentamente contra o chão. (MUTARELLI, 2008, p. 59)

Através da narração, compreendemos que apesar de alcoolizado, pois havia bebido alguns copos de uma bebida do pai, a mente de Júnior parece fazê-lo acreditar que a forma como compreende a vida agora é o caminho que o levará a uma espécie de transcendência existencial, e isso é perceptível pela descrição do narrador, em trechos como: “parece ter acessado todos os livros de ocultismo e autoajuda. Vê diante de seu recém-aberto terceiro olho, todos os arquivos do Akasha” (MUTARELLI, 2008, p. 59). Júnior, nesse momento, parece ter atingido um outro plano da existência, é como se tivesse saído de seu corpo e acessado um determinado espaço onde pôde enxergar a verdade sobre as coisas.

O leitor, aqui, se depara com algo extremamente indeterminado. Se de um lado isso parece estranho e impossível, e assim confirma que o personagem pode estar se aproximando da loucura e tudo seja perfeitamente explicável, por outro lado os fatos podem abrir ainda mais possibilidades para que o leitor investigue o que está acontecendo com Júnior e o que está por trás de tudo isso. Quando o narrador se refere ao acesso aos “arquivos do Akasha”, é preciso que o leitor saia do universo ficcional e busque referências no mundo real, em busca de compreender o tipo de conteúdo a que Júnior teve acesso.

Afinal, o que é “Akasha”? O termo tem sua origem na cosmologia, que tem relação com o espaço e pode também ser relacionado com o céu. Contudo, em outras áreas, é utilizado para outras designações, como na psicologia, que simboliza o espaço onde estão armazenados todos os conhecimentos e feitos humanos, desde os primórdios. No ocultismo, por exemplo, o termo designa uma sociedade secreta denominada Ordem Akasha, cujas práticas se baseiam em sistemas cabalísticos e herméticos. Aqui, portanto, conforme dispõe Iser (1996), o repertório do leitor é fundamental para a interpretação do texto, trazendo, assim, informações de ordem histórica e culturais, indispensáveis para se compreender o objeto literário. As sínteses que o leitor realiza ao longo da leitura também o fornecem subsídios para a apreensão das perspectivas do texto.

Assim, tendo como referência um conhecimento que extrapola o universo literário, o leitor encontra possibilidade de preenchimento de um vazio existente e de formulação de novos horizontes, em prol de uma interpretação mais completa do texto. Portanto, somos levados, nesse ponto, a considerar o sobrenatural e o ocultismo como importantes vias de leitura da obra, remetendo-nos às origens do personagem e, mais precisamente, à figura de sua mãe, por mais que o romance não explore em detalhes a vida dela, pois, de fato, a mesma nem pode ser considerada uma personagem, porque não tem participação nos fatos. Ainda assim, movido pela perspectiva do narrador, o leitor, aos poucos, formula as suas próprias

perspectivas, que se movem ao longo do texto e se transformam à medida que a leitura prossegue.

No entanto, as informações que o narrador nos fornece sobre ela são indispensáveis para os caminhos que a leitura pode tomar, especialmente pensando na herança que o personagem principal pode ter herdado da mãe ou mesmo nas influências que ela pode ter exercido na formação de sua personalidade. O universo construído durante toda a narrativa é misterioso e repleto de enigmas, seja através dos pacotes que Júnior recebe, do passado de sua mãe e, conseqüentemente, de vários outros aspectos que estão relacionados com experiências que o personagem já teve em sua vida e que mexeram bastante com sua mente, a tal ponto de que ele mesmo se reconhece a caminho da loucura.

Atordado, em conversa com o pai, Júnior demonstra preocupação com a sua saúde mental: “— Eu estou com medo. Eu estou com muito medo. Acho que estou ficando louco” (MUTARELLI, 2008, p. 69). As palavras são o meio que encontra para expressar o medo de que tudo aquilo que está em sua cabeça uma hora não caiba mais ali. No entanto, começa a perceber o horror através do palavrório vazio, porque alguma coisa o arrancou do trilho, desalinhou sua trajetória no mundo. Sente um mal-estar constante e não é somente físico, mas especialmente psicológico.

Ironicamente, Júnior se vê mais vez mais imerso em eventos que só agravam ainda mais o estado em que se encontra. Recebe mais um pacote, também sem destinatário e que, dessa vez contém “Novos CDs, dois. Um recorte em papel acetinado provavelmente arrancado de alguma revista velha e um DVD duplo, importado” (MUTARELLI, 2008, p. 95). O recebimento de mais uma encomenda anônima reforça ao leitor a ideia de que esse evento tem uma simbologia que precisa ser investigada e melhor compreendida, especialmente porque os objetos recebidos parecem aleatórios, mas, certamente, devem exercer algum tipo de influência na compreensão da narrativa.

Seria comum, nesse ponto, que o leitor não investisse na certeza que Júnior tem sobre a existência de um enigma contido nas mensagens recebidas no pacote. Afinal, tudo isso parte como fruto da imaginação de um personagem que é instável e desorientado. Contudo, se o “correto” fosse abandonar a teoria de Júnior e seguir no texto à espera do desenrolar dos fatos, o leitor faz exatamente o contrário, ele se nega a apenas prosseguir. Acredita que o ideal é investigar, junto ao personagem, a origem dos recebidos e encontrar o significado, a mensagem oculta presente ali (se é que existe), como forma de alcançar uma verdade sobre os eventos que ocorrem na vida de Júnior.

Acontecimentos como esse, que instigam o leitor pela ausência de uma explicação por palavras, garantem o engajamento deste na resolução de conflitos, onde “o não-dito de cenas aparentemente triviais e os lugares vazios do diálogo incentivam o leitor a ocupar as lacunas com suas projeções. Ele é levado para dentro dos acontecimentos e estimulado a imaginar o não dito como o que é significado” (ISER, 1999, p. 106). A realidade da narrativa passar a ser a realidade do leitor no momento da leitura. Sobre a comunicação que a ficção estabelece com o leitor, Quenard (2012, p. 40) destaca que “a comunicação da ficção não se dá por meios explícitos de representações do mundo, mas por uma estrutura de vazios e não ditos que deve ser traduzida com base nas experiências e competências do leitor”.

Mais uma vez, Júnior tenta desvendar uma possível mensagem oculta que possa estar contida nos objetos que lhe foram encaminhados. Não consegue compreender nada, mas segue obstinado e na certeza de que ele é a única pessoa que pode decifrar o significado do conteúdo dos pacotes. Importante é destacar que o conteúdo verbal presente nos materiais que recebe é sempre escrito em língua inglesa, o que parece ser um gatilho para que Júnior perca cada vez mais a capacidade de lidar com a linguagem, até chegar ao ponto de não conseguir mais comunicar o conteúdo que deseja. As palavras vão se tornando cada vez mais estranhas a ele, tanto em sua forma quanto em significado.

O distúrbio que Júnior desenvolve na linguagem é uma das chaves para a compreensão do texto. É na estrutura e na organização das palavras, que na verdade soa mais como desorganização de palavras, que o leitor encontra a potência do efeito estético provocado pela leitura. Mutarelli demonstra conhecer muito bem a técnica de utilização da linguagem para representar os sintomas da afasia e a desorganização das ideias na cabeça do personagem. Essa representação do distúrbio aparece em muitos momentos do texto, e pode ser visualizado, por exemplo, durante uma conversa de Júnior com Mundinho, que o convida para tomar um café.

- Vou tomar um café. Quer um?
- Café?
- É, café mesmo.
- Não, obrigado. Me dá azia. Quer dar um pulo no bufê depois do café?
- Você acabou de me perguntar isso.
- Perguntei?
- Acabou de perguntar, não lembra?
- Não lembro a resposta.
- Hoje eu não posso.
- Me dá azia.
- O quê?
- O quê, o quê?
- O que te dá azia?
- Café.
- Sei... Às vezes não parece que tudo se repete?
- Tudo se repete. (MUTARELLI, 2008, p. 113)

No leitor, é impossível não emergir a aflição por perceber o desespero de Júnior diante da realidade em que se encontra. É como se esse fosse um medo nosso e, por isso, nos colocamos em seu lugar, experienciamos sua despersonalização, a degradação de sua existência. Em passagens como quando conversa com Marco, seu antigo patrão, Júnior afirma: “— Eu estou com medo. Eu estou com muito medo. Acho que estou ficando louco” (MUTARELLI, 2008, p. 69). O narrador também confirma ao leitor que Júnior não possui perspectivas sobre o futuro, nem muito menos é capaz de encontrar uma direção para sua vida. “Sem o menor motivo Júnior se levanta. Carrega a expressão da desilusão e mais nada” (MUTARELLI, 2008, p. 190).

Retornando ao ponto em que Júnior entende que precisa tentar uma nova interpretação para os fragmentos de textos recebidos nos papéis recortados, com o auxílio de uma caneta azul, busca completar e realizar esquemas sobre a mensagem escrita em língua inglesa, à procura de um significado. Nesse ponto, o escritor, Lourenço Mutarelli, usa o recurso da ilustração para representar ao leitor o esquema que Júnior elabora, o que acaba aproximando a imaginação do leitor da atitude do personagem. Assim ele completa a enigmática frase recebida no primeiro pacote:

Figura 1



Fonte: (MUTARELLI, 2008, p. 136).

A maneira como Júnior completa os dizeres com outras letras é no mínimo curiosa, porque ele procura formar palavras em língua portuguesa a partir de palavras que não pertencem a essa língua. Segundo o narrador, para o protagonista “Talvez o enigma não esteja em inglês. Experimenta com a grafia ou a sonoridade da língua que não domina. Precisa decifrar a charada” (MUTARELLI, 2008, p. 136). O esquema realizado por Júnior, na tentativa de encontrar um significado para a mensagem parece ser, para o leitor, um dos primeiros sinais acentuados da afasia. A nós, também é muito forte a sensação de que Mutarelli está sempre brincando com o leitor. Em resumo, nós poderíamos ser o próprio Júnior, buscando coisas onde não existem. Nesse contexto, podemos fazer relações com o conceito de superinterpretação, formulado por Umberto Eco (1993), que consiste em relações que estabelecemos com o texto, mas que não são sustentadas por ele.

As representações gráficas presentes no texto, especialmente aquelas que demonstram as ações do personagem lidando com a possível charada, são claros exemplos das imagens mentais que também se formam na imaginação do leitor, que é guiado pelas palavras e pelo campo semântico formado em torno delas. As imagens que se formam em nossa mente, em diversos momentos do texto, nos proporcionam a experiência de sentir o desespero, bem como nos trazem a percepção de que o personagem está a perder o senso de compreensão sobre a realidade e capacidade de se comunicar. Isso provoca ao leitor uma angústia que o faz perceber os estreitos limites entre o real e a insanidade.

Um exemplo, no texto, de como as imagens que formamos em nossa mente nos causam tais sensações, pode ser percebido quando após uma discussão com a esposa, por telefone, tentando contato com o filho, Júnior, claramente alterado e sem a devida percepção do real, se direciona ao pai, conforme expõe o narrador.

Abre a porta da estante e apanha uma garrafa. Bebe sem fazer careta. A bebida só arde quando chega ao estômago. Toma coragem. Invade o quarto do pai. Acende a luz.
 — Cadê todo mundo? — grita furioso, ameaçando agredir o pai com a garrafa. Sênior acorda.
 — Que isso? Tá louco?
 — Cadê os... os outros... O que querem de mim?
 Sênior levanta. Gesticula com as mãos, pedindo calma. Júnior vacila. Sênior o abraça com força.
 — Fica calmo. Está tudo bem.
 O cansaço toma conta dos dois. (MUTARELLI, 2208, p. 139)

Sobre os esquemas realizados por Júnior, existe aí um vazio que traz muitos questionamentos ao leitor, seja sobre um possível significado oculto a ser decifrado, seja sobre os caminhos que a afasia delineará para o futuro do personagem. Logo mais, o narrador começa a desvendar que, de fato, os sinais afásicos já se manifestam em Júnior, explicando que a “afasia não apaga meramente as palavras, apaga as imagens e os vínculos entre as palavras e as imagens” (MUTARELLI, 2008, p. 136). A manifestação desse distúrbio que o protagonista do romance desenvolve é um dos pontos onde mais o leitor encontra espaços vazios no texto, os quais,

em suma, apresentam a estrutura do texto literário como uma articulação com furos, que exige do leitor mais do que a capacidade de decodificação. A decodificação diz respeito ao domínio da língua. O vazio exige do leitor uma participação ativa. (LIMA, 2002, p. 26)

Se os vazios provocam inquietação e o sentimento de medo é uma constante durante a leitura do texto, um elemento que se pode destacar como potencializador desse sentimento que o leitor experimenta, por se sensibilizar com o estado do outro, é a manifestação da

afasia, que em Júnior, desfaz os vínculos entre as palavras e as imagens que se formam a partir delas. Nesse contexto, a ausência de sentido e de formação de imagens soa como uma experiência incomum e angustiante, porque muitas coisas ficam sem forma e o vazio permanece. Assim, o leitor continua em busca de compreender boa parte dos acontecimentos que envolvem a vida de Júnior e afunda cada vez mais na tentativa de encontrar respostas que não existem.

É importante ressaltar que, no texto, a representação da afasia gera muitas questões e expectativas, porque a impossibilidade de se expressar em palavras deixa uma lacuna na qual existe muito conteúdo necessário à compreensão do desenrolar dos fatos na narrativa. De tal maneira, o leitor percebe que nesse momento é preciso estar ainda mais atento, pois precisa interpretar justamente essa ausência. Ao mesmo tempo, Júnior continua a esquematizar combinações de palavras, procurando um sentido que acalme sua ânsia.

Figura 2



Fonte: (MUTARELLI, 2008, p. 137).

Na tentativa de novas combinações que revelem o mistério por trás dos pacotes, Júnior se encaminha cada vez mais rumo ao desequilíbrio. É muito claro ao leitor que o personagem se afasta pouco a pouco da realidade e mergulha numa fantasia criada em sua cabeça. Contudo, é preciso aguardar novas informações que serão expostas pelo texto, para que tenhamos certeza de que nossa teoria tem fundamentos, o que cada vez mais se confirma através da impossibilidade de Júnior comunicar com clareza suas ideias e, assim, também, de interpretar o que diz e escreve. Se participamos ativamente na leitura e somos capazes de investigar as situações que nos são apresentadas, isso acontece porque “o leitor se move constantemente no texto, presenciando-o somente em fases; dados do texto estão presentes em cada uma delas, mas ao mesmo tempo parecem ser inadequados” (ISER, 1999, p. 12-13).

Encerrando os apontamentos sobre a obra de Mutarelli, a experiência de leitura revelou que a narrativa é complexa, de maneira que o texto, em sua estrutura, é carregado de artifícios que exigem ao leitor um mergulho entre os vazios. Nesse sentido, a atribuição de sentido ao texto, acontece não apenas através do conjunto de palavras e frases que narram os fatos. O principal efeito que o texto provocou, foi o sentimento de medo. Aliado a ele, a sensação de angústia e afins. E isso acontece, especialmente, pela forma como o narrador apresenta os fatos, revelando a grande importância da perspectiva do narrador para que interpretemos o texto.

A arquitetura da linguagem, desconstruída através da necessidade de representar o distúrbio da afasia do personagem (que é justamente uma perturbação que afeta a linguagem, a capacidade de comunicação) também é outro fator determinante para a realização do efeito que a leitura provoca. A linguagem se vale, por exemplo, de sinestésias, como forma de causar no leitor as sensações citadas acima. A relação que a linguagem oral estabelece com as representações gráficas, especialmente aquelas que simulam atitudes e comportamentos do personagem central, é essencial para que sejamos tocados pelo estado de aflição em que ele se encontra. Portanto, terminamos a leitura com a quase certeza de que o autor está a brincar com nossa capacidade de buscar ou querer enxergar coisas que não existem. Isso é decorrente dos inúmeros vazios presentes ao longo do texto.

Sobre como o leitor atualiza e preenche os vazios deixados na narrativa, pudemos perceber que isso acontece especialmente através de retomadas e formações de novos horizontes, através de elementos fornecidos pelo próprio texto e, em alguns casos, pelo repertório do leitor, que consiste em elementos extra-textuais. No entanto, é de se ressaltar que a maior parte dos vazios permanece, e sugerimos que a intenção do autor é, na verdade, muito mais apresentar questões, ao invés de respondê-las ou fornecer elementos para o que leitor chegue a conclusões. Os espaços vazios se colocam, assim, como estrutura indispensável para a atribuição de sentido ao texto.

THE CONTEMPORARY NOVEL BY THE BIAS OF THE AESTHETIC EFFECT: A READING OF *A ARTE DE PRODUZIR EFEITO SEM CAUSA*, BY LOURENÇO MUTARELLI

ABSTRACT: The article approaches on the book *A arte de produzir efeito sem causa* (The art of produce uncaused effect) written by Lourenço Mutarelli, it intends to discuss the relationship between the literary content and the reader's reception, spreading the comprehension of the esthetics effects promoted through its reading. Considering the contemporary literature, the multiplicity of dialogues promoted by this book identifies with the sensible experience that could be seen in the urban everyday way of living and represents the subject's crisis in its relationships with others and with the world, in a text produced in a wide range of possibilities of giving meaning and expectancies, that help us to understand the contemporary esthetic. The method used was a book review. The novel's reading has shown the fear and anguish are feelings that reveal the provoked esthetic effect, which is created specially by the way the language is shown and the perspective of the narrator, observed in his

proximity with the facts. The text shows up the presence of many empties, and its meaning is much more in what is unsaid. The fact of there are many empties unfilled do not prejudice the interpretation of the text.

KEYWORDS: Novel; Contemporary literature; Mutarelli; Reception; Esthetic effect.

EL ROMANCE CONTEMPORÁNEO A TRAVÉS DEL EFECTO ESTÉTICO: UNA LECTURA DEL A ARTE DE PRODUZIR EFEITO SEM CAUSA, POR LOURENÇO MUTARELLI

RESUMEN: El artículo aborda la obra *El arte de producir efecto sin causa* (2008), de Lourenço Mutarelli, que busca discutir la relación entre el contenido literario y la recepción por parte del lector, con el fin de ampliar la comprensión de los efectos estéticos promovidos a través de su lectura. Como literatura contemporánea, la multiplicidad de diálogos que promueve el libro se encuentra con la experiencia sensible experimentada en la vida cotidiana urbana y representa la crisis del sujeto y sus relaciones con el otro y con el mundo, en un texto construido con amplias posibilidades de atribución de significados y expectativas, que también nos ayuda a comprender la estética de lo contemporáneo. El enfoque metodológico se basa en una revisión de la literatura. La lectura de la novela demostró que el miedo y la angustia son sentimientos que revelan el efecto estético provocado, que se debe especialmente a la forma en que se manifiesta el lenguaje y a la perspectiva del narrador, marcada por la proximidad que mantiene con los hechos. El texto manifiesta la presencia de muchos vacíos, de modo que su significado descansa mucho más en lo no dicho. La no llenado de todos los vacíos textuales no compromete la interpretación del texto.

PALABRAS-CLAVE: Romance. Literatura contemporánea. Mutarelli. Recepción. Efecto estético.

REFERÊNCIAS

- ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____. *Obra Aberta*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996, 1 v.
- _____. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999, 2 v.
- LIMA, Luiz Costa. *A Literatura e o leitor*. Textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- MUTARELLI, Lourenço. *A arte de produzir efeito sem causa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- QUENARD, Augusto Nemitz. *O leitor enquanto matéria narrativa em *Museo de la Novela de la Eterna*, de Macedonio Fernández, e em *Rayuela*, de Julio Cortázar*. 2012. 144 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2012.
- ZILBERMAN, Regina. A formação do leitor. In: *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: Intersaberes, 2012.

Recebido em: 22/03/2022.

Aprovado em: 11/07/2022.